

## **SOBRE A SOLIDÃO E OUTRAS COISAS**

*Francisco Neto Pereira Pinto<sup>1</sup>*

DOI 10.11606/issn.1981-7169.crioula.2018.142183

*A solidão com os rios vai passando...*

Rainer Maria Rilke

Aquela foi mais uma noite em que Pedro não conseguiu dormir. O problema contudo não era com a noite pois de fato era uma noite linda com lua grande no céu e um lago de estrelas que resplandecia sem nenhuma nuvem que o distraísse. O frescor vinha das matas e do rio Araguaia que era para a vila como a um pai. Quantas vezes de suas fartas e providentes águas Pedro tirou o sustento para sua esposa Ana e seus cinco filhos que agora casados e pais de seus filhos estavam espalhados para além rio. Naquela noite com a ida do sol Pedro começou a preparar sua comida favorita: pintado pescado no Araguaia com pirão feito com farinha e caldo do peixe bem apimentado. Comeu muito enquanto lembrava o tempo que pescava o pintado com seus dois filhos mais velhos e Ana os preparava. Àquela

---

<sup>1</sup> Doutorando e Mestre em Ensino de Língua e Literatura pela Universidade Federal do Tocantins, *campus* de Araguaína, e professor adjunto no Instituto Tocantinense Presidente Antônio Carlos, *campus* de Araguaína. Faz formação em Psicanálise pelo Instituto da Psicanálise Lacaniana (IPLA).

época na década de 1970 o pintado não somente era gostoso como também era abundante e Pedro o pescava com anzol em linha de mão de dentro da canoa ao passo que os garotos remavam Ana tinha um tempero especial além de ovo caipira cozido adicionava pimentão verde coentro e cebolinha além de leite de coco babaçu preparado por ela mesma Certa vez Ana preparou uma caldeirada para Osvaldão e Dina sem saber que eram guerrilheiros procurados pelo exército Quando foram embora Pedro virou-se para Ana e chegou a exclamar que mulher bonita Depois, foi procurado por alguns soldados e desde então carrega algumas marcas em seu corpo negro sobre as quais nunca fala A noite avançou a vila dormiu e as ruas ficaram quietas com apenas alguns cachorros brincando enquanto um vento gélido e sonolento subia do rio procurando as verdes e escuras matas que formavam figuras assombrosas nas montanhas vizinhas Pedro foi ao fogão assoprou as brasas e colocou mais alguns gravetos segundo julgou serem suficientes para o preparo de mais café Uma garrafa cheia Café forte puro por ele mesmo colhido torrado e moído Preparado amargo para acompanhar os cigarros enrolados com palha de milho Tomou um gole deu uma tragada e com a fumaça veio também as lembranças de um a um dos filhos

Filhos  
Crescidos  
Desfamilhos

Podia até ter sobrevivido a uma guerrilha mas a cada partida de um seu filho era também um pedaço que se ia e sem retornar o que já lhe restaria Até que sem filhos ainda se vive porém como insistir sem Ana Pegou sua cadeira de encosto e pôs no centro da sala virada para o quarto do casal onde por mais de trinta dormiu com Ana Como podia ela sem mais explicações de repente seguir o caminho de todos eles

Ana resistia  
Até partir  
Morria

A madrugada de repente chegou despencando-se do céu e com ela o horror horror das madrugadas impiedosas sem os meninos e a Ana O vento lá fora rodopiou furiosamente convocando nuvens densas que logo despediram lua e estrelas que rapidamente cederam lugar a uma pesada escuridão Pedro sentou-se em sua cadeira favorita Acendeu o último cigarro e tomou o último gole de café

Ao longe o ribombo da cachoeira  
Cá um estrondo  
Pedro rolou por sobre a cadeira

Submissão: 04/01/2018

Aceite: 23/02/2018